

QUAL A MELHOR REGIÃO PARA INVESTIR EM FRUTICULTURA?

Por Marcelo Costa Marques Neves

Investidores nacionais e estrangeiros se perguntam: qual a melhor região do Brasil para investir em fruticultura? Fazem cálculos sobre o retorno do capital investido e, principalmente, sobre a valorização das terras.

A resposta à pergunta acima não é simples e também não há consenso entre os agentes do setor sobre as melhores oportunidades para a produção de frutas. Além disso, a avaliação dos investimentos em “boa” ou “ruim” depende muito perfil do empreendedor.

De modo geral, quatro variáveis devem ser consideradas na avaliação dos investimentos em fruticultura: valorização da terra, condições de solo e clima (edafoclimáticas), infra-estrutura produtiva e também comercial da região.

Nesse sentido, o desenvolvimento da irrigação no semi-árido brasileiro o transformou em uma região atrativa para investidores em fruticultura e o posiciona, hoje, como principal pólo exportador do País. Suas características naturais, associadas à irrigação, permitem que se produzam frutas de qualidade suficiente para atender os mercados externo e interno, o ano todo.

De acordo com o Ministério da Integração Nacional, o semi-árido brasileiro ocupa cerca de 969 mil quilômetros quadrados, abrangendo o norte de Minas Gerais e o Nordeste, com exceção ao Maranhão. Nessa vasta extensão, a **Hortifruti Brasil** selecionou três pólos de fruticultura para concentrar sua pesquisa e analisar as vantagens e desvantagens de cada um: o pólo Açú (RN)/Mossoró (RN), Petrolina (PE)/Juazeiro (BA) e o Norte de Minas Gerais.

É claro que terra barata, disponibilidade de água e estradas que garantam o escoamento da produção são condições essenciais para áreas destinadas ao cultivo de frutas. No entanto, não são garantia de sucesso. O retorno desse investimento dependerá muito da eficiência produtiva e comercial do empreendedor, da sua capacidade de ofertar um produto de qualidade, de forma contínua e apto a assimilar as novas exigências do consumidor. Tudo isso, ainda, a um custo competitivo quando comparado aos seus concorrentes.



LOGÍSTICA É O PONTO FORTE DO PÓLO AÇU/MOSSORÓ

O pólo Açú/Mossoró está a oeste do Rio Grande do Norte, na divisa com o Ceará; compreende os municípios potiguares de Mossoró, Açú, Baraúna, Carnaubais, Upanema, Ipanguaçu, Alto do Rodrigues, Afonso Bezerra, Pendências, Serra do Mel e Itajá.

A região se caracteriza pela produção irrigada de frutas e legumes, predominando as culturas de melão, melancia, banana e caju. O pólo é dividido em duas subzonas: a Açú e a Mossoró, que se diferenciam quanto à forma de captação da água para a irrigação. Na subzona Açú, a irrigação é feita através de canais que captam água dos rios Pataxó, Piranhas e da parte baixa do Açú, perenizado pela barragem Armando Ribeiro Gonçalves, que possui capacidade acumulada de 2,4 bilhões de metros cúbicos, segundo o Banco do Nordeste.

Na subzona Mossoró, a captação da água é feita principalmente através de poços artesianos. Em Mossoró, por exemplo, a maioria desses poços é de grande profundidade – de 700 a 1 mil metros – o que acaba elevando os custos, seja pelas despesas necessárias para a construção do poço, seja por sua manutenção. Como a região fica sobre um imenso aquífero, antes mesmo da irrigação pública chegar ao pólo, com o Projeto de Irrigação Pública do Baixo Açú, os produtores locais já desenvolviam atividades frutícolas utilizando a água subterrânea.

Estudos do Banco do Nordeste indicam que o potencial agricultável do pólo Açú/Mossoró é de 1 milhão de hectares, aproximadamente. O clima da região é quente e seco, com precipitação média de 600 mm/ano - concentradas entre março e maio -, umidade relativa de 65% e temperatura média de 28°C. Essas características edafoclimáticas fazem da região uma excelente área para a produção de melão e melancia. De fato, o pólo apresenta hoje grande desenvolvimento produtivo e comercial dessas frutas.

Outro grande atrativo da região é sua proximidade com os principais portos do Nordeste: o de Fortaleza (260 km), o de Natal (277 km) e o de Pecém (300 km), o que agiliza a entrega aos principais compradores internacionais. A estimativa de agentes locais é de que uma carga de melão, por exemplo, demora de oito a 12 dias para ser entregue na Europa ou nos Estados Unidos, partindo desses portos. Isso significa quatro dias de vantagem no envio da fruta

ECONOMIA AGRÍCOLA

Área total de plantio perene e anual (2004):
92 mil hectares

Valor de Produção (em 2004):
R\$ 240 milhões

Rendimento médio (em 2004):
R\$ 2.600/ha

Receita Bruta de melão (em 2004):
R\$ 25.000/ha

Principais frutas cultivadas (em 2004):
melão, melância, banana e caju

Fonte: IBGE



à Europa frente aos concorrentes da América Central, elevando o interesse de algumas multinacionais do setor pela região.

Além das frutas tradicionalmente cultivadas na região, grandes exportadoras têm investido também em culturas tropicais, como banana, mamão e abacaxi. Para o cultivo da banana, o Açu/Mossoró apresenta mais um atrativo: é reconhecido como área livre da sigatoka negra, uma das principais doenças do bananal e cujo controle consome 1 mil dólares por ano em países como Costa Rica, segundo a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO).

Ainda em termos logísticos, a proximidade entre o pólo e os grandes centros consumidores do Nordeste, como Fortaleza (260 km) e Natal (277 km), contribui com o escoamento para o mercado interno.

O ponto fraco, é a qualidade das rodovias regionais, com algumas estradas vicinais precisando de reparos. Agentes locais estimam que aproximadamente 8% do volume de melão carregado entre Mossoró e Natal é perdido devido a avarias durante o transporte. Esse problema, no entanto, deve ser contornado com o crescimento da atividade petrolífera

no Rio Grande do Norte, que demanda investimentos nessa área.

Ainda assim, as vantagens da logística exportadora da região têm atraído multinacionais para o Pólo, inflacionando o valor da terra em algumas áreas. Em entrevista com produtores e corretores da região, a **Hortifruti Brasil** observou que o preço da terra no pólo Açu/Mossoró varia bastante. Na subzona Açu, mais especificamente no Baixo Açu, o valor do hectare era de aproximadamente R\$ 3.500,00 no início deste ano, valorizado pela instalação de grandes *traders* na região, principalmente nas áreas localizadas na várzea do rio.

Na subzona Mossoró, uma área com poço e outorga para utilização da água custava, em média, R\$ 1.200,00/ha. O que prejudica a valorização da terra neste trecho é a dificuldade de se obter novas outorgas para uso da água, visto que a disponibilidade de água proveniente dos poços é restrita. Contudo, esse problema vem sendo minimizado com a construção de barragens para a perenização de rios da região. Outra possibilidade de fornecimento de água para os pólos produtores do semi-árido seria através da transposição do rio São Francisco, projeto que causa discussões infidáveis.

O grande atrativo da região é sua proximidade com os principais portos do Nordeste



- Portos marítimos mais próximos:
Natal (RN), Pecém (CE) e Fortaleza (CE)

- Distância entre o pólo e os portos marítimos mais próximos:
Natal: 277 km; Pecém: 300 km e Fortaleza: 260 km

Tempo de deslocamento até a Europa:
10 dias

Infra-estrutura Produtiva e Comercial

- Preço médio da terra: R\$ 1.200 a R\$ 3.500/ha
- Projetos públicos de irrigação: Projeto Baixo Açu: 5.167ha¹
- Número de *packing houses* com infra-estrutura exportadora: 31
- Condição das estradas: Mediana
- Distância até São Paulo (capital): 3.037 km

Fonte: Cepea

¹ Orçamento do Ministério do Planejamento para 2006

PETROLINA/JUAZEIRO DESTACA-SE COMO O PRINCIPAL PÓLO EXPORTADOR NACIONAL

O pólo Petrolina/Juazeiro localiza-se no submédio São Francisco e abrange áreas da Bahia e de Pernambuco, tendo como principais cidades as duas que dão nome ao pólo. A região começou a transformar-se em pólo fruticultor nos anos 70 e esse processo se acelerou na década de 80, com a maior implantação de projetos de irrigação desenvolvidos pelo governo federal, através da Codevasf (Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba). A Associação dos Produtores e Exportadores de Hortigranjeiros e Derivados do Vale do São Francisco (Valexport) estima que existam cerca de 120 mil hectares irrigados na região, entre projetos públicos e privados, com potencial de cerca de 360 mil hectares.

O clima no Vale do São Francisco é quente e seco, com precipitação média de 540 mm/ano e temperatura média de 26°C. As precipitações concentram-se no primeiro semestre do ano e a insolação é de 300 dias por ano, totalizando em 3 mil horas de sol a cada ano. Aliado a irrigação, foram criadas condições ideais para o cultivo de uva e manga, e técnicas sofisticadas de manejo permitiram produzir ambas as frutas durante o ano todo, garantindo maior retorno do capital fixo investido.

Essa facilidade no manejo do ciclo das culturas dá aos produtores locais a possibilidade de direcionar sua colheita para períodos de menor oferta no mercado, aproveitando as brechas em que as demais regiões não conseguem disponibilizar o produto. Os produtores locais de uva, por exemplo, programam sua colheita para outubro e novembro, período em que tradicionais fornecedores do mercado europeu estão com baixa oferta.

Apesar de ainda demandar investimentos em infra-estrutura exportadora, esse é o pólo mais avançado em termos de pós-colheita, com cerca de 22 packing houses preparados para exportar, segundo o Rabobank. Hoje, boa parte da produção local é destinada ao mercado externo

e é justamente de Petrolina e Juazeiro que sai a maior parte da exportação brasileira de uva e manga. Essas duas culturas geraram, juntas, US\$ 179 milhões em divisas para o País em 2005, segundo a Secex.

Os portos mais utilizados para abastecer o mercado internacional são o de Salvador (BA), Suape (PE) e Pecém (CE), localizados a cerca de 510 km, 770 km e 920 km, respectivamente, do pólo de Petrolina/Juazeiro. O porto mais utilizado pelos exportadores da região é o de Salvador, por estar mais próximo às lavouras. No entanto, poucas embarcações deixam Salvador com destino à Europa sem fazer escala em Pecém, o que faz desse o segundo porto mais utilizado pelos produtores do pólo.

Apesar de o porto de Suape ser o menos importante para região, a estrada que o liga ao pólo Petrolina/Juazeiro foi considerada muito boa pelos entrevistados da **Hortifruti Brasil**. Em contrapartida, as rodovias com destino a Salvador e a Pecém não tiveram uma boa avaliação.

Uma outra forma de escoamento da produção local é via aérea. Apesar de ainda ser pouco utilizada pelos exportadores do pólo, o aeroporto de Petrolina possui a segunda maior pista de pouso e decolagem do Nordeste. Segundo a



Infraero, investimentos realizados em 2004 aumentaram a pista em 250 metros, permitindo a plena operação de aviões de grande porte, como o Boeing 747-400, que transporta até 110 toneladas de produtos em sua versão cargueira. Além disso, a estrutura do aeroporto, também segundo a Infraero, está preparada para atender a produção perecível, com seis câmaras frigoríficas.

Segundo agentes locais, as principais vantagens para se investir na região são a elevada estrutu-

ra comercial de exportação e a disponibilidade de mão-de-obra especializada. No entanto, para novos investidores, a oferta de terras com infraestrutura de irrigação ou com potencial para instalação de irrigação é limitada. Com isso, os preços da terra estão elevados e limitam novos investimentos. Segundo levantamento da consultoria FNP, realizado no primeiro bimestre de 2005, o valor da terra irrigada em Juazeiro era de R\$ 8.000,00/ha e em Petrolina (PE), o valor podia chegar a R\$ 13.000,00/ha. Nesses níveis de preços de terra, somente culturas com alto valor agregado poderiam trazer retorno para um novo investidor, em curto prazo.

A possibilidade de ampliar a área irrigada depende de novos projetos públicos. Atualmente, existem dois em estudos: o Salitre e o Pontal, com potencial para irrigar aproximadamente 27 mil hectares, segundo a Codevasf. De acordo com a entidade, o projeto Pontal deverá abrir licitação até junho deste ano para 4 mil hectares, cerca de 50% do potencial total do projeto.

ECONOMIA AGRÍCOLA

Área total de plantio perene e anual (2004):
155 mil hectares

Valor de Produção (em 2004):
R\$ 1 bilhão

Rendimento médio (em 2004):
R\$ 6.450/ha

Receita Bruta de uva (em 2004):
R\$ 48.000/ha

Principais frutas
cultivadas (em 2004):
manga, banana, uva,
goiaba e coco

Fonte: IBGE



INFRA-ESTRUTURA PRODUTIVA E COMERCIAL

- Preço médio da terra: R\$ 8.000 a R\$ 13.000/ha

- Projetos públicos de irrigação:

Existem 17 projetos públicos de irrigação no pólo, totalizando cerca de 55.000 ha irrigados. O principal projeto da região é o Nilo Coelho, com 15.535 ha irrigados

- Número de *packing houses*
com infra-estrutura exportadora: 22

- Condição das estradas:

Petrolina (PE)-Suape (PE): Muito boa;

Petrolina (PE)-Salvador (BA) e

Petrolina (PE)-Fortaleza (CE): Não são muito boas

- Distância até São Paulo (capital): 2.246 km

- Portos marítimos mais próximos:

Salvador (BA), Pecém (CE) e Suape (PE)

- Distância entre o pólo e

os portos marítimos mais próximos:

Salvador: 513 km; Pecém: 924 km e Suape: 770 km

- Tempo de deslocamento até a Europa:

Salvador: 9 dias; Pecém e Suape: 11 dias

Fonte: Cepea

POSSIBILIDADE DE **VALORIZAÇÃO** DA TERRA ATRAI INVESTIDORES PARA **O NORTE DE MINAS GERAIS**

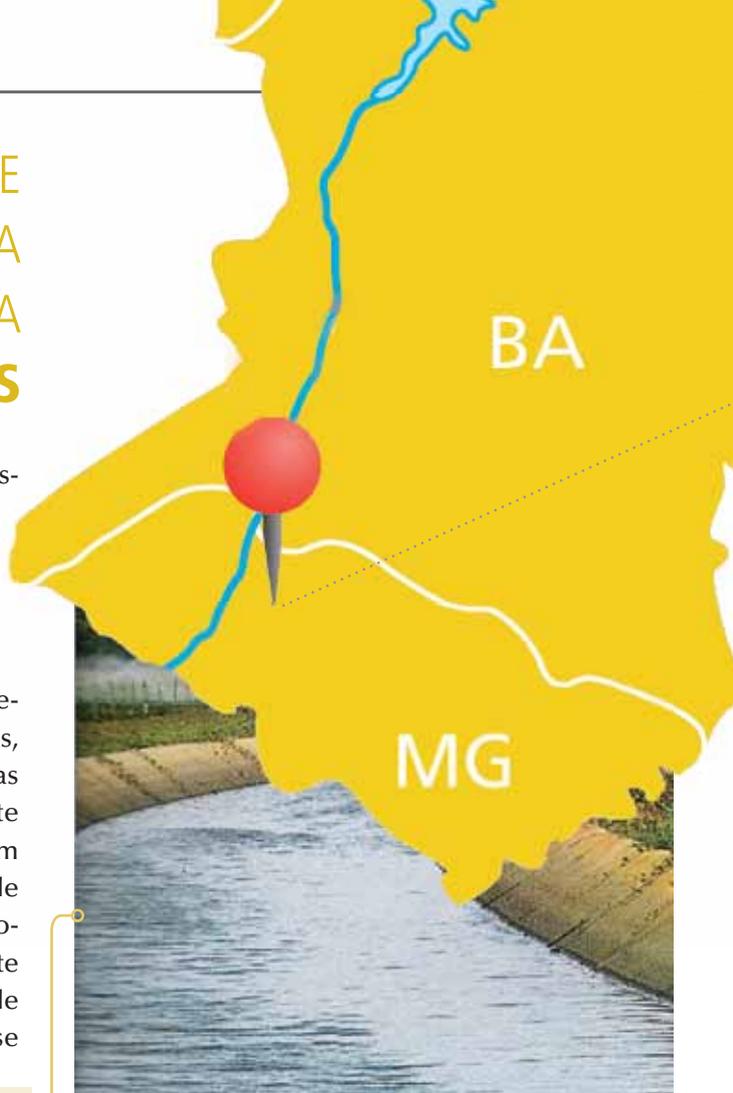
O Norte de Minas Gerais, localizado ao sul do Nordeste, faz parte do Polígono das Secas e, por isso, beneficia-se dos incentivos fiscais e créditos proporcionados pelo governo federal. A maior cidade do pólo é Janaúba (MG), localizada a 132 km de Montes Claros (MG) e a 547 km de Belo Horizonte (MG).

De acordo com o Banco do Nordeste, apesar de a região estar em uma área de baixo regime de chuvas, suas condições naturais são bastante diferentes das registradas no restante do Nordeste, especialmente em relação ao sertão semi-árido, onde predominam solos rasos e pedregosos e vegetação de caatinga de porte baixo. No Norte de Minas, os solos são profundos, bem drenados e a vegetação, na maior parte das áreas, apresenta um porte elevado, quer seja de caatinga, quer seja de vegetação caducifólia (não se mantém verde o ano todo).

O Banco do Nordeste aponta ainda como diferencial da região a grande disponibilidade de água do rio São Francisco e de seus afluentes, fator importantíssimo para a introdução da agricultura irrigada no semi-árido. Estima-se que seja possível irrigar até 150 mil hectares na região. Atualmente existem quatro projetos públicos de irrigação no Norte de Minas Gerais: o Pirapora, o Gorutuba, o Jaíba e o Lagoa Grande. De acordo com agentes locais, juntos, esses projetos têm implantado e em operação, aproximadamente, 44 mil hectares irrigados, nos quais se destaca a produção de frutas tropicais, entre elas a banana.

A região tem um grande potencial de crescimento, no entanto, a falta de investimentos em infra-estrutura comercial, como boas estradas, e a distância em relação aos principais portos, limitam o desenvolvimento das exportações. Assim, a produção local tem se voltado, principalmente, para o mercado interno e segue atrelada ao comportamento nacional: se este vai bem, ótimo, se vai mal, a região perde, já que não tem a possibilidade de escoar a produção para outros consumidores.

Segundo agentes locais consultados pela **Hortifruti Brasil**, um dos pontos fortes da região é sua proximidade com o Brasil Central. A região está a 547 km de





Novos Projetos Públicos podem incentivar investimentos

- Projetos públicos de irrigação:
Pirapora, Gorutuba, Jaíba e Lagoa Grande,
totalizando cerca de 44 mil ha irrigados
- Preço médio da terra:
R\$ 2.500 a R\$ 3.700/ha

ECONOMIA AGRÍCOLA

Área total de plantio perene e anual (2004):
300 mil hectares

Valor de Produção (em 2004):
R\$ 524 milhões

Rendimento médio (em 2004):
R\$ 1.800/ha

Receita Bruta de banana (em 2004):
R\$ 7.300/ha

Principais frutas cultivadas (em 2004):
banana, manga e citros

Fonte: IBGE

Belo Horizonte, 826 km de Brasília, 982 km do Rio de Janeiro e a 1.134 km de São Paulo, permitindo aos produtores interagir com vários mercados – ainda que todos internos.

Mesmo sendo, entre os três pólos analisados, o mais distante dos portos, a região tenta se modernizar no pós-colheita para se inserir no mercado internacional. No projeto Jaíba, há *packing houses* sendo instalados e projetos para a introdução de novas empresas. De acordo com a Associação Central dos Fruticultores do Norte de Minas (Abanorte), existem na região cerca de 15 *packing houses* certificados para exportar para a Europa e 25 casas de embalagens de banana voltadas para o mercado interno, que, no curto prazo, podem se remodelar visando à exportação. No entanto, esse pólo ainda não possui nenhuma empresa com licença para enviar frutas aos Estados Unidos.

Por outro lado, é uma das regiões que apresenta maior disponibilidade de terras com

INFRA-ESTRUTURA PRODUTIVA E COMERCIAL

- Número de *packing houses*
com infra-estrutura exportadora: 15
- Condição das estradas:
Norte de Minas-Salvador: Não é muito boa;
Norte de Minas-São Paulo: Boa,
principalmente após Belo Horizonte, com a
duplicação da rodovia Fernão Dias.
- Distância até São Paulo (capital): 1.134 km
- Portos marítimos mais próximos:
Salvador (BA), Vitória (ES) e Santos (SP)
- Distância entre o pólo e
os portos marítimos mais próximos:
Salvador: 990 km; Vitória: 1075 km e Santos:
1206 km
- Tempo de deslocamento até a Europa:
Entre 9 e 11 dias

Fonte: Cepea

potencial irrigável do país e pode atrair novos investidores que visualizam a valorização do patrimônio no futuro, visto que em algumas áreas os valores da terra estão abaixo dos registrados nos demais pólos fruticultores analisados. Atualmente, estima-se que existam 11.400 hectares ociosos nos quatro projetos de irrigação do pólo mineiro e que mais 22 mil hectares venham a receber água num futuro próximo. Na última licitação de vendas de terra no Projeto Jaíba – Etapa II, o hectare de uma terra boa, com infra-estrutura de água para irrigação foi comercializado a R\$ 2.500,00, segundo produtores da região ouvidos pela **Hortifruti Brasil**. Em Pirapora, uma área agrícola em perímetro irrigado pode custar até R\$ 3.700,00/ha, segundo dados da FNP do primeiro bimestre de 2005.



ONDE INVESTIR, AFINAL?

Atualmente, qualquer investidor que deseje implantar uma propriedade com frutas deve analisar os três pólos destacados nesta edição da **Hortifruti Brasil**. Numa análise preliminar, as três regiões possuem insumos vitais para a fruticultura: água para irrigação e condições edafo-climáticas favoráveis à produção de frutas.

Dependendo do perfil do investidor, uma região pode ser mais atrativa que a outra. Se o maior custo da instalação de determinada cultura for com logística, o pólo Açú/Mossoró pode ser mais atrativo. Alguns *traders* de banana e melão têm interesse em investir nesse pólo para ganhar vantagem logística nas exportações para a Europa frente a concorrentes da América Central.

Apesar de ter fácil acesso a portos, a principal vantagem competitiva do pólo de Petrolina/Juazeiro é a sua boa infra-estrutura produtiva e comercial, que favorece o planejamento do calendário de colheita e venda no mercado externo na entressafra dos principais concorrentes - como tem ocorrido com a uva e a manga.

No entanto, essas duas regiões estão a mais de 2 mil quilômetros de distância da capital de São Paulo. Isso surge como um limitante para o novo investidor que pretende orientar sua produção para o mercado interno - principalmente para o do Sudeste. Neste ponto, a região do Norte de Minas pode se tornar mais atrativa e já está recebendo investimentos de produtores paulistas que encontram no pólo condições de produzir a tangerina poncã, por exemplo, dois meses antes da

colheita principal

do maior estado produtor, São Paulo.

Caso o investidor esteja mais interessado em obter rendimentos através da valorização da terra do que propriamente com a comercialização de frutas, pode tomar como exemplo a valorização da terra que ocorreu no eixo Petrolina/Juazeiro. O preço das terras com melhores condições de produção aumentou 380% entre 2002 e 2005. No mesmo período, os preços recebidos pelos produtores da uva subiram apenas 46% e a manga desvalorizou 8%. No curto prazo, a região que promete grandes valorizações da terra é Açú/Mossoró. A logística exportadora tem atraído muitos investidores e o preço de comercialização da terra ainda não está em patamares tão elevados quanto os de Petrolina/Juazeiro. O Norte de Minas também apresenta a possibilidade de valorização da terra devido ao potencial de expansão da área irrigável. No entanto, a falta de infra-estrutura comercial e logística na região compromete a elevação do valor da terra no curto prazo.

Para finalizar, cabe ressaltar o papel do governo no desenvolvimento dessas três regiões. O investimento público é fundamental para o aproveitamento total das áreas com potencial de irrigação, por se tratar de custos inviáveis para iniciativa privada. Outro fator importante seria estabelecer um melhor canal de escoamento dos produtos produzidos nesses pólos atraindo também para o local os compradores do produto e *traders* internacionais, dinamizando a comercialização para os mercados externo e interno. ■

Pólos Agroindustrias

Indicadores	Açu/Mossoró	Petrolina/Juazeiro	Norte de Minas
Valorização Da Terra Em 4 Anos (2005/2002) ¹	32%	380%	39%
Estimativa De Expansão De Projetos Públicos De Irrigação:	Não há dado oficial	60 mil hectares	100 mil hectares
Logística Exportadora	Excelente	Boa	Ruim

VANTAGENS E DESVANTAGENS:

Ponto Forte	Proximidade frente aos principais portos facilita o escoamento da produção para o mercado externo.	Condições edafo-climáticas permitem controlar o calendário de colheita e comercialização das frutas e boa infra-estrutura de comercialização.	Proximidade com os principais mercados consumidores do Brasil Central.
Ponto Fraco	Limitação à expansão da área com potencial de irrigação em algumas regiões.	Limitação à expansão de novas áreas irrigadas com um baixo custo de terra, no curto prazo.	Dificuldade de acesso aos portos para escoamento da produção no mercado externo.
Oportunidades	Terras com potencial irrigado a baixo custo.	Investir em um portfólio de frutas maior, tanto nas temperadas nas janelas dos principais exportadores, quanto na produção de frutas exóticas.	Abundância de terras com potencial de irrigação a custo muito baixo.
Ameaças	Problemas fitossanitários estão reduzindo a lucratividade da cultura do melão e o protecionismo europeu do mercado de banana pode limitar as vendas externas.	Vocação local de produção de poucas culturas. Atualmente, a uva é o principal foco de interesse dos produtores devido à maior lucratividade. Na década passada, a manga foi a fruta da vez e anteriormente, o coco. Isto gera excedentes de oferta e descapitalização dos produtores.	Forte dependência da economia brasileira. A sua expansão em área vai depender do aumento do poder de compra e da mudança dos hábitos de consumo do brasileiro.

Fonte: Cepea

¹ Dados de terra com base no levantamento da FNP de jan/fev-2005.**Vamos Produzir Juntos?****Você define Quando e a Nunhems lhe indica Como plantar:****1. Comece com híbrido****SUNSET**

Uniformidade.
Produtividade.
Resistência
Raiz Rosada.

2. Continue com híbrido**GOBI**

Elevado %
centro único.
Sabor suave.
Resistência
Raiz Rosada.

3. Conclua com híbrido**TAIKO**

Precocidade.
Produtividade.
Resistência
Raiz Rosada.

A Nunhems indica. Você define.